

TEORIAS DA COMUNICAÇÃO E PROCESSOS COMUNICATIVOS COMO INSTRUMENTOS DE ATUALIZAÇÃO DO ESPIRITISMO

Wilson Garcia ()*
São Paulo-SP, Brasil

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho temos por objetivo discutir a percepção do conhecimento espírita a partir da perspectiva da comunicação, considerando como relevante a idéia do Espiritismo como uma ruptura no plano da espiritualidade humana e a ruptura em si mesma como uma visão capaz de aprofundar a formação de uma consciência espírita. Em vista disso, adotamos como premissas básicas que: 1 – os caminhos da percepção da doutrina espírita passam pela visão do Espiritismo como uma ruptura cultural; 2 – a consciência espírita é uma consequência da percepção da doutrina.

2. FATORES QUE EXPLICITAM A ADESÃO À CULTURA DE MASSA E SE OPÕEM À PROPOSTA KARDEQUIANA DE POPULARIZAÇÃO

Não há como deixar de constatar que o Espiritismo, como um movimento inserido no contexto da sociedade brasileira, acha-se nos dias atuais definitivamente vinculado à cultura de massa e, por consequência, em estreita ligação com a indústria cultural. Daí porque estabelecer juízo de valor sobre essa realidade torna-se um imperativo decorrente de qualquer estudo que venha a ser tentado no sentido de verificar a consistência dessa realidade. O estudo, contudo, não pode deter-se em atitudes comprometidas com juízos preestabelecidos e nem pode perder-se em generalidades que em nada colaboram para apontar rumos e possíveis soluções para problemas que são, em si mesmos, decorrentes da própria ambigüidade que se apresenta. Conhecer as razões pelas quais se construíram os caminhos implica em saber também sobre que perspectivas a atualidade do Espiritismo se assenta. Um conhecimento dessa ordem, contudo, se é possível alcançar, demandará um esforço de análise extremamente complexo, de tal ordem que nos parece de início impensável. Contudo, não é menos verdadeiro que é perfeitamente alcançável um nível de saber que possibilite pelo menos teorizar com uma certa consistência, tendo por base dados intuitivos que se somam a outros oriundos de informações já disponibilizadas.

Trabalha-se hoje no Espiritismo com quantidades. Milhões de adeptos passou a significar um valor cuja mensuração, se não alcança os níveis qualitativos em termos culturais, compreende pelo menos uma possibilidade muito expressiva de realizações em diversos outros níveis. O matemático, por

A CEPA E A ATUALIZAÇÃO DO ESPIRITISMO – Wilson Garcia

exemplo: milhões de adeptos implica milhares de centros espíritas, milhares de títulos de livros, centenas de editoras, dezenas de federações, multiplicidade de cursos, inumeráveis palestras e assim por diante. Não que os números em si signifiquem um mal, mas que são significativos para o tipo de abordagem que pretendemos desenvolver. Para atender a esses números cada vez maiores parece que será preciso uma outra quantidade de números também crescente, dentro de uma organização por si mesma desorganizada para esse fim. Ou seja, a instituição espírita conhecida por “movimento” jamais foi pensada em nível de estruturação para um atendimento massivo eficiente, e parece mesmo que não comporta essa eficiência na razão direta de que não se pode ser eficiente quando se deseja massificar o conhecimento em toda a sua complexidade.

O panorama do Espiritismo atual permite que se observe a existência de uma relação de fatores que sugerem a sua vinculação estreita com a cultura de massa. Dentre esses fatores podemos destacar:

- a) nos mais de seis mil centros espíritas existentes no país, há um espectro que vai das casas quase familiares às organizações de atendimento massivo. Há, portanto, os que se reduzem a uma dezena de pessoas em suas reuniões até os que recebem milhares de pessoas numa mesma noite. Em termos exatos e concorrendo diretamente com as religiões massificadas, onde se destacam atualmente as neopentecostais, encontramos centros minimamente organizados para atender num mesmo espaço algo em torno de cinco mil pessoas em cada sessão;
- b) a existência de organizações que assumem a sua destinação massiva, abrindo espaço para atendimento “espírita” e ensino teórico para enormes quantidades de seres, chegando mesmo a oferecer cursos em salas que comportam mais de 500 pessoas ao mesmo tempo e adotando a aplicação de passes em série;
- c) editoras preocupadas em atender a demanda crescente de um mercado composto em grande parte por consumidores com pressa, através de oferecimento de livros-produto tipo “fast food”, renováveis e renovados em estreita observância às normas deste tipo de cultura;
- d) médiuns e autores sempre prontos a suprir esse mercado, segundo uma perspectiva assentada na idéia da “caridade-esclarecimento”, em que se misturam o ideal e o processo de simplificação-superficialização do conhecimento;
- e) criação de eventos qualificados como “mega”, claramente comprometidos com a qualidade (quando reúnem os intelectuais mais destacados) e a quantidade;
- f) um esforço cada vez maior para alcançar e até mesmo dominar os *mass media* e assim poder falar para a população que compõem o universo geográfico nacional.

A CEPA E A ATUALIZAÇÃO DO ESPIRITISMO – Wilson Garcia

Todos esses fatores juntos não são, de fato, suficientes para caracterizar a existência de uma “cultura de massa espírita”, desde que também não seria isso necessário, mas fornecem a medida da vinculação do movimento, expresso através da concentração de interesses e do atendimento às exigências da indústria cultural, resolvendo até mesmo o sentido capitalista presente nessa indústria, cujo objetivo último se denomina lucro. O que parece existir é a realização dos desejos de propagação doutrinária segundo os mesmos critérios e sentidos que dominam a cultura de massa presente na sociedade, o que de certa forma se explica pela própria vinculação do adepto-espírita com a cultura na qual está inserido. O anseio de universalização da doutrina parece poder-se expressar única e exclusivamente através dos mecanismos privilegiados pela sociedade, com mais forte razão quando se tem por certo que há uma urgência, uma luta contra o tempo, uma necessidade mesmo de não se deixar ultrapassar por possíveis concorrentes colocados no mesmo espaço social, mas que não disporiam de conhecimentos tão eficientes quanto os espíritas para o atendimento às necessidades do espírito imortal.

Os meios de comunicação de massa reúnem em si mesmos todos os elementos necessários para atingir-se os fins desejados. Em todo esse jeito massivo de raciocinar uma única condição encontra uma considerável barreira, mas que se coloca como necessária de ser vencida: a econômico-financeira. Desde que os objetivos são superiores e as intenções nobres, fica cada vez mais claro que é possível conquistar os meios, pois são eles que fornecerão as condições necessárias para atender o ideal de A. Kardec in “Obras Póstumas”: “Dois elementos hão de concorrer para o progresso do Espiritismo: o estabelecimento teórico da doutrina e os meios de a popularizar” (p. 307). Não parece justo, entretanto, interpretar o anseio de A. Kardec, manifesto na popularização, por uma vinculação com a massificação, seja porque isso daria origem a uma ambigüidade, seja porque a massificação não contém as condições necessárias para o “estabelecimento teórico” pretendido. Os *mass media* tornam popular até uma certa medida, por permitirem que o povo se informe acerca de algo, mas não são instrumento adequado para o estudo teórico, única forma pela qual pode o Espiritismo de fato ser apreendido. É neste ponto que a ambigüidade se faria presente, uma vez que A. Kardec estaria pretendendo aquilo mesmo que, por formação e experiência, sabia não ser possível.

A massificação do Espiritismo, à medida que se aprofunda, se expressa ainda pela grande quantidade de editoras de livros num universo de leitores que, segundo os dados estatísticos, não atingiria dez por cento da população brasileira. Os números parecem se contradizer, já pelo crescimento da vendagem dos títulos que melhor atingem as massas, já pelo interesse editorial em obter o privilégio do lançamento de obras de gênero semelhante. Aqui, também, haverá de se aprofundar o estudo que vincula o interesse editorial com a indústria do lucro. De fato, nos últimos vinte anos o número de editoras intituladas espíritas

A CEPA E A ATUALIZAÇÃO DO ESPIRITISMO – Wilson Garcia

mais que triplicou no Brasil, em parte pela grande facilidade legal de produzir e comercializar livros no país, aliando-se aí outros fatores: a “descoberta” do mercado do livro espírita por profissionais do setor, o forte conteúdo divulgacional dominante na mentalidade interna, amplamente difundido a partir de estímulos do tipo emmanuelino: “a maior caridade que podemos fazer com o Espiritismo é a sua própria divulgação”, as possibilidades de geração de receitas para obras assistenciais, entre outros. A ênfase, parece-nos, centra-se todavia na disposição mesma de popularização para a qual o caminho mais curto e mais atraente é a massificação, que origina também os clubes do livro e os inclui no projeto com agentes altamente ativos do processo, com grande poder decisório na definição dos títulos a serem editados e posteriormente entregues ao público. Os caminhos da massificação convergem os interesses de editores e clubes de livro, que assim se aliam para o mesmo fim.

Após o *boom* dos livros de A. Luiz que, entretanto, entendemos pertencerem à fase pré-massificação, quando as condições para esta não poderiam ser preenchidas senão por alguns de seus elementos posteriormente presentes, assiste-se hoje à projeção das obras de cunho nitidamente populares, encomendadas e até mesmo disputadas com avidez pela indústria cultural, cabendo aos clubes de livro a função de contraponto, atuando sobre os preços para tornar as obras acessíveis ao maior número de leitores-sócios possível e oferecendo a condição ideal para que possam ser produzidas em escala compatível com as exigências do mercado. O conteúdo atende a ambos os lados, ou seja, a maioria das obras é produzida para consumo rápido, devendo os livros-produto ser substituídos sucessivamente por outros e assim cumprirem sua função.

As condições de massificação encontram seu complemento nos cursos doutrinários destinados a um público tão grande quanto indisponibilizado à percepção do conhecimento espírita, pelas condições a que é submetido no processo de ensino-aprendizado, e nas reuniões públicas segundo o modelo prece-palestra-passe-prece, em que se objetiva o atendimento do maior número com o menor esforço. Funcionam como elemento contrário ao aprendizado muito mais as condições inadequadas que propriamente o conteúdo dos cursos, mesmo considerando devam ser estes objeto de análise crítica em decorrência do modelo pedagógico e dos critérios didáticos utilizados pelas instituições que os oferecem.

3. O CENTRO COMO MEIO E MENSAGEM AO MESMO TEMPO

A construção do centro espírita é historicamente a trajetória de um processo de fixação de uma mensagem que se confunde com o meio pelo qual ela transita. Tanto teoricamente como em termos práticos, o centro se erige de forma clara como a consubstanciação da mensagem, seja quando o analisamos

A CEPA E A ATUALIZAÇÃO DO ESPIRITISMO – Wilson Garcia

em termos do local, o prédio onde funciona e toda a cultura que representa, bem assim o que é de fato em nível de expressão do pensamento do Espiritismo. A cultura que ali se formou é já o referencial de uma mensagem que de alguma forma é buscada e absorvida pelo indivíduo, mesmo que ali não se apresente ele com a intenção expressa ou objetiva de receber tal mensagem. Ela ali está, constituída pela interação entre o receptor primeiro, os dirigentes e demais colaboradores, com a preponderância das lideranças mais fortes, que afinal são aquelas que de fato definem o perfil e o conteúdo da mensagem. Se a idéia vigente é a do local onde se pratica uma crença através de formas estabelecidas e comunicadas segundo um código comum, não apenas a mensagem verbalizada mas fundamentalmente aquela que está implícita nas práticas e nos códigos não-verbais representa o que de fato inicialmente será contatado. Assim, o centro é a mensagem de uma doutrina de conhecimento ou de uma outra doutrina de simples crença, mas também podendo ser a doutrina mista, que une as duas coisas ao mesmo tempo.

O centro se apresenta, pois, como um meio estratégico para o Espiritismo. Já o indivíduo, ali, não será o freqüentador ou simples adepto, mas aquele que faz do local a extensão de si próprio, mesmo quando sua relação com o centro se restrinja ao superficial, e ainda quando haja um certo distanciamento que tornem os contatos com o centro apenas ocasionais. O estudo da construção desse meio e de como funciona como mensagem surge como de importância para a compreensão dos propósitos nomeados como doutrinários que ali se estabelecem. Ainda que não se queira, há de se perceber que há qualidades a serem percebidas como presentes segundo uma forma particular de interpretar o conhecimento, daí podendo-se concluir pela superficialidade ou pela profundidade deste. O ser mensagem não confere nenhum qualificativo negativo em princípio, como também nenhum positivo. O fato relevante é que seja percebido que o local funciona tanto como meio quanto como mensagem, o que define um quadro de profunda importância para a análise do centro. O indivíduo no centro está implicado com a mensagem e não simplesmente na posição de mero receptor, seja este indivíduo parte do poder que ali se estabelece ou não. A implicação se aprofunda na medida em que a cultura presente expressa e reflete a dos indivíduos, entendendo-se esta como a somatória da cultura anterior com a do conhecimento espírita adquirido ou resultante da relação do receptor com a mensagem.

Em termos claros, se a mensagem está vinculada à cultura em que o espiritual significa a religião, vista em seus contornos definidos pela cultura dominante (anterior ao estabelecimento da doutrina), o meio refletirá obviamente isto e se constituirá então na nova mensagem imposta e aceita, que afinal assim será difundida de diversas maneiras. O meio, portanto, forneceria os elementos para uma análise da forma e do conteúdo da mensagem que o centro é e que pretende passar, derivando daí a possibilidade de uma crítica mais precisa sobre

ele e sobre os indivíduos nele. A questão da ética se encaixa, muito bem, a partir deste ponto, mas deve ser tratada em sua abrangência às relações entre indivíduos no centro e em termos de um questionamento acerca do que é ético na mensagem e na forma como está formulada. Por exemplo, será ético construir uma mensagem de tal ou qual ordem de idéias e com tal ou qual qualidade, com certo grau de convencimento dos indivíduos no centro? Mas este questionamento só terá sentido a partir da aceitação de que o meio é mensagem e também uma constituição dos receptores, caso contrário ficará sem efeito.

4. O PARADIGMA ESPÍRITA PELA ÓTICA DA DESCONTINUIDADE CULTURAL

Os estudos teóricos da comunicação são instrumentos com um certo grau de eficiência para a análise do Espiritismo em sua ordenação de movimento imbricado no social, bem como para proporcionar o descortinamento de um número de possibilidades de mudanças ou reconstrução. A observação, contudo, nos leva à percepção de que a doutrina estruturada por A. Kardec está continuamente sendo reconstruída pelos indivíduos no centro e fora dele, a partir mesmo de uma forma pessoal de interpretar. Uma questão que se tem colocado com ênfase é a que está centrada na percepção de que o conhecimento espírita sofre sérios problemas quando escapa das obras ditas básicas para as novas formulações teóricas e, especialmente, para o mundo das práticas, em que o centro espírita se torna o local por excelência. Uma das maneiras de romper com isto seria o estudo do Espiritismo no seu aspecto paradigmático, tanto o do paradigma que oferece uma nova condição referencial como aquele que estabelece uma ruptura no próprio conhecimento e, portanto, no plano cultural. Não se trata de uma ruptura de tal ordem que levasse ao abandono de toda a cultura formulada até então, por ser esta condição totalmente ilógica, mas de uma intersecção do pensamento humano de forma a proporcionar outras vertentes para a própria noção de verdade, assim como ocorre e ocorreu em outras áreas do conhecimento.

A partir do Espiritismo temos uma outra formulação para o espiritual em sua relação com o material, com tal qualidade de conteúdo que provoca uma inevitável cisão, alterando não apenas a estética do simbólico mas a noção mesma dos significados e significantes. O Espiritismo é, portanto, uma ruptura, mas não uma ruptura isolada, sem maiores conseqüências ou relações com o contexto sócio-cultural do século XIX. Trata-se de um fato dentro de outros fatos de igual grau de importância, uma vez que preenchem certas condições sem as quais o Espiritismo não teria sentido. Assim, por exemplo, tendo-se por referencial o ano de 1850, é que se encontra o racionalismo cartesiano em seu ponto de maior ebulição do pensamento filosófico e da construção da ciência moderna, ao mesmo tempo em que se realizam cisões no plano das artes e da

consciência social. Na primeira ocorre a quarta ruptura, com a ascensão do Modernismo, e na segunda a tomada de consciência da profundidade da Revolução Industrial, como assinalado por Domenico De Masi (p. 45): “A consciência de que foi *toda* a sociedade que mudou só aflora em torno de 1850. É, então, que se começa a falar não mais somente de indústrias, mas de “sociedade industrial”, e percebe-se a *globalidade* da mudança de época que acabou de acontecer”. Neste contexto é que o Espiritismo se coloca como uma Ruptura Espiritual, e o ponto de ruptura é exatamente “O Livro dos Espíritos”, embora, dentro mesmo da concepção formulada por A. Kardec, uma nova ordem de coisas deve ser concebida para o que se convencionou por espiritual e material, termos até então referenciando coisas distintas, distantes, mas agora devendo ser apreciados em toda a sua complexidade e inseparabilidade. A ruptura no plano do espiritual sinaliza, contudo, uma profunda alteração cultural, nos diversos níveis possíveis, mas com ampla influência na percepção do sentir, pensar e teorizar religioso, do sagrado e até mesmo do sentido melhor para o processo de dessacralização.

Se já não é mais possível abordar o espiritual dessintonizado do material, importa reordenar o pensamento a partir dos novos conceitos e de uma linguagem específica, assentado no exemplo kardequiano que abandona o termo genérico “espiritualismo” para colocar em seu lugar “espiritismo”, não por ser de qualidade superior mas por proporcionar uma melhor condição de comunicabilidade do novo conhecimento, desvinculado que está de qualquer construção cultural. A ruptura surge então explicitada e ao mesmo tempo como um convite para aprofundar o processo de distanciamento de certos elementos da cultura vigente, processo esse necessariamente intelectual e implicitamente dialógico, uma vez que pode ser aperfeiçoado através de um consenso coletivo permanente. O fio condutor do pensamento é agora outro, com a lógica a depender de um saber que não pode ser formulado senão com os elementos disponíveis a partir da construção teórica de A. Kardec feita com base no pensamento dos comunicantes espirituais. Dada a inexequibilidade de estruturar a doutrina apenas ou essencialmente a partir de terminologia inteiramente desvinculada, a noção fundamental de ruptura deve constituir a base para a interpretação dos princípios que se vai encontrar, bem como dos elementos comuns ao Espiritismo e outras doutrinas, como Deus, Espírito e Matéria e seus agregados, tais sejam céu, inferno, justiça divina etc. Uma vez que o pensamento é outro não se pode manter a mesma lógica ou os mesmos raciocínios na interpretação dos elementos comuns, por se apresentarem como incompatíveis.

Neste ponto, o rompimento cultural-religioso se impõe de maneira sólida, sendo sua realização um dos caminhos possíveis para alcançar a percepção de quanto está o Espiritismo comprometido com uma nova visão da vida, em sua amplitude, no seu aspecto global, por alguns autores designada “cósmica”. Dentro dessa perspectiva é que se posiciona J. Herculano Pires (“Kardec é

Razão”, p.121): “A nossa doutrina não é uma realidade, entranhada nas estruturas atuais. É um arquétipo carregado de futuro, um vir-a-ser que se projeta precisamente no que ainda não é, na rota das aspirações em demanda. Confundi-la com as estruturas peremptas deste momento de transição e querer sujeitá-la às normas e modelos do que já foi é tentar prendê-la no círculo vicioso dos abortos culturais”.

5. O RECEPTOR COMO PEÇA IMPORTANTE NO CENÁRIO DA COMUNICAÇÃO ESPÍRITA

“O único conhecimento verdadeiro é aquele que adquirimos por nós mesmos, devido às apostas em que investimos (seu desejo de aprender, sua vontade de juntar sua experiência, sua maneira de desempenhar sua vida)”. A constatação de Edgar Morin (p. 193), já quase um lugar-comum no livro universal dos saberes, é utilizada aqui intencionalmente para uma consideração de ordem fundamental para o tipo de análise que desejamos: a do indivíduo no centro e fora dele, mas essencialmente em seu contato com o saber específico da doutrina espírita. Consideramos relevante observar o receptor em sua abrangente porque complexa relação com este saber, dentro do sentido mesmo colocado por Maria Tereza Cruz (p. 59), segundo o qual “a questão fundamental [agora, neste tipo de estudo] não é então a de decidir qual é o detentor do sentido – se o texto, se o sujeito – mas a de saber como é que texto e sujeito se constituem, e de que modo o sentido os atravessa”. Vale o exemplo de conhecido escritor espírita que certa ocasião manifestou sua intensa preocupação em escolher a palavra “certa” para o sentido que pretendia em sua escritura, cabendo perceber que tinha de certa maneira a consciência da posição complexa ocupada pelo receptor, mas por outro lado não considerando o fato de que, fosse qual fosse o seu texto, o receptor se colocaria frente ao texto não como o sujeito vazio de sentidos, passivo, senão que com sua cultura, entendendo esta cultura na amplitude posta por E. Tylor (in Laraia, p. 24): “Este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

O sujeito espírita no centro, segundo uma realidade específica em que o meio é fortemente mensagem, e fora do centro, em que meios e mensagens têm outras características, mesmo que diante de conhecimentos tomados como princípios fundamentais do saber específico, produzirá sentidos particulares como resultado de sua interação com textos, imagens e comunicações orais. Os assim denominados princípios básicos permitem, como realmente tem sido observado, um consenso em torno do núcleo do conhecimento doutrinário. Assinale-se, contudo, que os princípios gerais não se sustentam sem suas partes e estas não são eficientes sem a idéia contida naqueles, cabendo, portanto, estender esta consideração para o que alertou Pascal, ao considerar ser absolutamente

impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, assim como conhecer o todo sem conhecer as partes. É assim que a tese da reencarnação, por exemplo, só adquire sentido quando vista pelas suas particularidades, mas é nas particularidades que está submetida inteiramente ao sentido do receptor. Deus, como idéia genérica, é o criador, mas sua percepção cognitiva depende essencialmente do texto e do contexto em que é analisado. Algo como “a teoria na prática é outra” pode servir de pressuposto aqui, desde que se veja por “prática” não apenas o que se faz realmente com as mãos, mas tudo aquilo que resulta dessa interação do sujeito com a obra. Qual é o produto da leitura do Livro dos Espíritos? – pode-se questionar. A resposta será aquela que melhor esclarecer o conteúdo que resulta do ato da leitura. Avançando, pode-se fazer questionamentos outros: o que resulta da mensagem expressa pelo meio, o centro? Como se relaciona com ela o indivíduo? De que forma ela é sugerida (através da estrutura física do centro, pelos aspectos subjetivos aí colocados e pelas resultantes das relações humanas proporcionadas, consideradas as ideologias)? A ênfase está em verificar que “não se assinala a presença do receptor para fazer dele um mero decodificador do sentido original ou intencional da obra” (Cruz, p. 62) ainda que a intenção esteja presente ou até mesmo pela presença da intenção, mas para deslocar a percepção para o fato de que o sentido de uma interação possibilita instrumentalizar ações comunicativas para que outros sentidos possam também ser alcançados e até mesmo alterados. Seja porque a doutrina não é algo acabado, seja pelo fato de ser desejável aperfeiçoá-la e até mesmo para que as deficiências da massificação sejam superadas com um certo grau de eficiência.

Uma outra intenção pode ser verificada ainda: o eixo da crítica que se faz às deficiências perceptivas, que geram desvios e se aliam para tal fim algumas vezes a fatores éticos e morais individuais, muito do gosto do salvacionismo implícito nas religiões-de-igreja, desloca-se porque adquire um outro sentido ao permitir uma compreensão predisposta a respeitar as diferenças e até mesmo a utilizá-las para uma caminhada solidária. Uma proposta que encontra em E. Morin uma justificativa pertinente (p. 136, citando Heráclito): “Juntem aquilo que concorda e aquilo que discorda, aquilo que está em harmonia e aquilo que está em desacordo”. Porque a concórdia e a discórdia formam o tecido do *complexus*”.

A preocupação não é também e apenas uma crítica da recepção para uma compreensão pura e simples da sua estética, mas o conseguir capacidades que permitam intervir com eficiência ética no processo, numa ação solidária ampla. Sendo o Espiritismo uma contribuição cultural, torna-se imperioso considerar o imbricamento desta com a cultura de que o indivíduo é portador, em suas diversas vertentes, e considerar também até que ponto a supressão de certas realidades, que o Espiritismo necessariamente provoca, encontra disposições e condições nos indivíduos para se aprofundar, sem que a perda da referência

A CEPA E A ATUALIZAÇÃO DO ESPIRITISMO – Wilson Garcia

conduza a danos psicológicos. Ou se preocupações dessa ordem não passam de conjecturas repletas de um subjetivismo sem possibilidades de comprovação.

BIBLIOGRAFIA

- Cruz, Maria Teresa. A Estética da Recepção e a Crítica da Razão Impura* in Revista de Comunicação e Linguagens, Lisboa, junho, 1986.
- Eco, Umberto. Obra Aberta*. Perspectiva, São Paulo, 1976.
- Emmanuel & Xavier, Chico. Fonte Viva*. FEB, Rio de Janeiro, 5^a, 1972.
- Garcia, Wilson. Kardec é Razão*, Edições USE, São Paulo, 1998.
- Garcia, Wilson. Nosso Centro, Casa de Serviços e Cultura Espírita*. USE, São Paulo, 1999.
- Hell, Victor. A Idéia de Cultura*. Martins Fontes, São Paulo, 1989.
- Kardec, Allan. Obras Póstumas*, FEB, Rio de Janeiro, 12^a, 1964.
- Laraia, Roque de Barros. Cultura, um Conceito Antropológico*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 12^a, 1999.
- Lima, Luiz Costa. Teoria da Cultura de Massa*. Paz e Terra, São Paulo, 12^a, 2000.
- McLuhan, Marshall. Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. Cultrix, São Paulo, 1979.
- Martelli, Stefano. A Religião na Sociedade Pós-moderna*. Paulinas, São Paulo, 1995.
- Martin-Barbero, Jesus. De los Medios a las Mediaciones*, G. Gili, México, 1987.
- Masi, Domenico De. O Ócio Criativo*, Sextante, Rio de Janeiro, 2000.
- Morin, Edgar & Moigne, Jean-Louis Le. A Inteligência da Complexidade*. Peirópolis, São Paulo, 2000.
- Orozco, Guillermo. La Audiencia Frente a la Pantalla*, in Dialogos de la Comunicación, n. 30, FELAFACS, 1990.
- Wolf, Mauro. Teorias da Comunicação*. Editorial Presença, Lisboa, 5^a, 1999.

() Jornalista, escritor, publicitário, editor, empresário das áreas de comunicação e jornalismo, foi Diretor e Conselheiro da Federação Espírita do Estado de São Paulo, Vice-Presidente da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas, fundador e Diretor da Editora Correio Fraternal do ABC, Presidente da Associação dos Jornalistas Espíritas do Estado de São Paulo, Vice-Presidente da Associação Espírita Anália Franco. Autor com as seguintes obras publicadas: O Centro Espírita, O Corpo Fluidico, Médicos Médiuns (opúsculo), O Centro Espírita e suas Histórias, Você e os Espíritos, Cairbar Schutel, o Bandeirante do Espiritismo (com Eduardo C. Monteiro), Vinicius - Educador de Almas, (com Eduardo Carvalho Monteiro), Você e o Passe (com Wilson Francisco), Uma Janela para Kardec, Você e a Obsessão, Kardec é Razão, Entre o Espírito e o Mundo, Você e a Reforma Íntima, Nosso Centro - Casa de Serviços e Cultura Espírita, Mensagens de Saúde Espiritual. Atualmente é Assessor de Imprensa da AJE-SP, Vice-Presidente da Sociedade Espírita Anália Franco, de São Paulo, Diretor da Editora Eldorado Espírita de São Paulo.*